



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

A HIERARQUIA EM SALA DE AULA MUDOU! PROFESSOR, VOCÊ AINDA NÃO PERCEBEU ISTO?

Maria Aparecida Gomes Barbosa¹; Mariana Pricilia de Assis²

¹Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), cidaufpe@yahoo.com.br

²Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), marianasonhadora@hotmail.com

Resumo: Este estudo bibliográfico analisa o impacto da cultura do *selfie* na sala de aula. Em que pese os esforços da instituição escolar que resiste às mudanças temporais, estamos na era digital, embora, os professores, em sua maioria permaneçam na era analógica e dela não pretendam sair. Estamos diante de um contrassenso. Os jovens contemporâneos vivem, expressam-se na cultura do *selfie* – um *modus operandi* de ser, estar e agir por si mesmo. A autonomia foi descoberta pelo sujeito que vive em ambientes hipermidiáticos e ele se apropriou dela como nunca o fez antes. E conquistou a perseguida autonomia intelectual tão discutida, exaltada e necessária para o processo de apreensão do conhecimento. Só que temos um nó a ser desatado: o professor e a instituição escolar, de todos os níveis, precisam cancelar esse novo *modus operandi*, uma vez que implica em novos comportamentos, inclusive linguísticos. É justamente isso que apontam os resultados obtidos deste estudo, ou seja, os comportamentos dos jovens foram moldados pela cultura tecnológica, em contrapartida, o sistema educacional não acompanhou a mudança, e o que é pior não reconhece tais comportamentos como adequados à instituição escolar, como se em algum momento esta mesma instituição reconhecesse outro modo que não o que ela estabelece como único e aceitável como correto, mas que nunca representou os seus agentes e hoje muito menos.

Palavras-chave: Tecnologia self, formação acadêmica, cultura.

1. INTRODUÇÃO

Ao consultarmos o significado da palavra *selfie*¹, encontramos por definição que é uma palavra em inglês, um **neologismo** com origem no termo *self-portrait*, que significa **autorretrato**, uma foto tirada e compartilhada na internet, mas esse significado vai muito além de uma simples foto tirada por si mesmo e compartilhada instantaneamente para que outras pessoas vejam, como, onde e o quê o sujeito está fazendo. A era tecnológica proporciona muito mais que um milhão de amigos, ainda que somente virtuais, promove a possibilidade do sujeito sair do anonimato, ser visto, reconhecido e, principalmente, expressar sua imagem e suas ideias. É uma mudança revolucionária, não apenas tecnológica, mas na vida, na cabeça das pessoas e, de maneira surpreendente, nas relações sociais e, dentro essas relações sociais, está a escola, a universidade, enfim, as instâncias educacionais.

¹ Disponível <http://www.significados.com.br/selfie/>.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Nesse cenário não há como negar que as tecnologias *mobiles* possibilitaram aos usuários a autonomia para navegarem, buscarem informações, em qualquer ambiente, estando sós ou em tribos, na escola, na pista de skate, no espetinho da esquina, em todos os ambientes sociais, os sujeitos se colocam no mundo e aprendem, aprendem muito, pois as incertezas podem facilmente ser desfeitas bastando uma consulta no *smartphone* a milhares de sites os estudantes aprendem os conteúdos disciplinares, apenas por um aparelho de fácil acesso (*smartphones*), assim o conhecimento é mobilizado no ônibus, na esquina, em casa, na escola. Diante deste cenário, o comportamento dos alunos/universitários foram moldados nos espaços sociais, seja na escola/universidade, os mesmos utilizam a autoimagem do *self* em campanhas educativas, palestras com temas diversificados, saúde, educação, os sujeitos através da auto imagem do *self* podem expressar –se o contexto social que vivenciam, ou seja, a *era cultural do self*, mas como as instituições educativas se comportam diante destas mudanças? acompanharam o processo de evolução da sociedade moderna, ou continuam a profetizar normas imutável?, ambiente educativo estático, guiado pela corrente inatista?, que preconizava o indivíduo desenvolvendo a aprendizagem por si mesmo, ou seja, o meio social pouco interferia no processo de aprendizado.

É fato que a estrutura da sociedade mudou e trouxe benefícios extraordinários para o ensino/aprendizagem, pois os estudantes não precisam esperar a próxima aula para tirar dúvida com o professor, os aparelhos *mobiles* expandiram a possibilidade comunicativa para a sociedade. Logo, as possibilidades hipermediáticas são muitas, e *navegar online* é preciso, pois não existe vida fora da rede. E estamos e fazemos parte da *geração do selfie*. E a instituição escolar como penetrou nesta rede? Suas paredes foram derrubadas? Ou ainda continuam a existir nas escolas e universidades mais paredes que redes?

Não precisamos sair do nosso espaço de atuação – a sala de aula da universidade - para identificarmos que as instituições escolares, incluindo a universidade, continuam colocando os estudantes em um *modus operandi* bastante engessado, ao qual BARBOSA (2015) chama de modelo cartesiano, inspirado em BRUNER (1991) e SENNA (2002). Tal modelo percebe o sujeito contemporâneo exatamente igual ao de séculos atrás quando a instituição escolar foi instituída sob a égide da igreja e que tende a aceitar uma única verdade como absoluta. A universidade, então, torna-se para os jovens, cujas mentes são extremamente digitais, ambientes desestimuladores, ficando cada vez mais difícil para esses jovens motivados a irem e, principalmente permanecerem na universidade, que, realmente não os representa.

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Parte-se do pressuposto que os jovens que chegam/estão na universidade apresentam em suas crenças a predominância do enfoque tradicional ou clássico da criatividade, ou seja, creem na criatividade como algo inato ao ser humano e que esta se desenvolve independentemente dos fatores sociais e culturais. Na academia, o modo de ser, agir e pensar é aquele instituído pelos professores extremamente conversadores e que não reconhecem que seus alunos são seres pensantes, informados, que ainda não sabem transformar informações em conhecimento e que esperavam, antes de entrar na academia que o ambiente acadêmico seria o mediador dessa passagem – das informações para o conhecimento. Ledo engano, o que a academia vem promovendo mesmo é a mudez de seus alunos, é a não reflexão, porque a fala e a reflexão dos alunos promovem um movimento de vez e voz que a academia não tem interesse em conceder aos seus alunos.

Temos mais um ambiente social que agrega pessoas de todas as classes sociais, de todas as etnias, de todas as crenças religiosas, que *a priori* deveriam se posicionar sobre os mais variados assuntos, bem como manipular a enorme gama de informações a qual tem acesso e gerir, ele mesmo, sua produção de conhecimento, mas isso não vem acontecendo nesses espaços acadêmicos.

2. METODOLOGIA

A pesquisa metodológica deste estudo consistiu, segundo Lakatos (2010), numa busca a fontes bibliográficas relacionadas ao tema, tais como artigos, dissertações, revistas e livros.

3. RESULTADOS

Os resultados deste estudo demonstram existir uma blindagem por parte das instituições escolares e seus professores, já que as instituições não agem e, sim, as pessoas que as compõem, em aceitarem os comportamentos dos jovens que dessas instituições também fazem parte. Nesses comportamentos, incluem-se os linguísticos e os cognitivos, ou seja, os jovens inseridos num contexto hiperestimulantes não podem fazer uso ou não são estimulados a fazerem uso dos elementos protéticos, como as mídias móveis, por seus professores, por terem esses (professores) mentes analógicas e comportamentos diferentes dos seus alunos. E em sequência, insistem em desconsiderar os múltiplos comportamentos dos estudantes que são usuários natos das tecnologias digitais. De certo que há um descompasso entre os jovens digitais da contemporaneidade e as instituições escolares. A este, urge sair da

linearidade, da agenda analógica, sobretudo,

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

quanto à hierarquia de paradigmas que segue um ritual de transmitir os conteúdos disciplinares.

4. CRIATIVIDADE X USO DAS MÍDIAS MÓVEIS

Desde o início deste século vivemos numa era da criatividade, em que os sujeitos precisam ser estimulados a criar e inovar na vida, nos diversos e múltiplos contextos e evidentemente nos processos de ensino/ aprendizagem.

É fato que na sociedade contemporânea denominada “pós moderna”, todas as áreas exigem que seus profissionais sejam/estejam aptos a mobilizarem muito mais que os saberes curriculares - expostos nos diplomas.

Por outro lado, percebe-se que as instituições formadoras deste século deixam muito a desejar na formação desses profissionais, como afirma BIANCHETTI (2001), causando danos irreparáveis aos que estão sendo formados nestes moldes.

A agenda digital ainda não é plenamente compreendida pela instância formadora dos profissionais de todas as áreas: a universidade. A velocidade com que a tecnologia avança é ameaçadora para essas instituições que tiveram sua base erguida e ainda sustentada por um modelo intocável de formar o sujeito que é à sua semelhança, ou seja, o profissional que se forma hoje não é muito diferente do que o profissional formado há uma década.

Estamos dando os primeiros passos e nos surpreendendo a cada instante. Os números são assustadores, até 2025, a maior parte da população mundial terá saído de uma quase total falta de acesso a informações não filtradas para um mundo de abundância de informação, acessíveis por um aparelho na nossa mão. Tudo isso em uma única geração!

Não restam dúvidas que estamos vivendo a quarta revolução industrial. Como os sujeitos se adaptarão para sobreviver em um mundo novo e desconhecido? O risco de não se adaptarem é simplesmente se tornarem invisíveis, afinal, se não estiverem conectado, não existem.

Nós, seres humanos, somos naturalmente reativos às mudanças, pois qualquer mudança afeta uma estrutura já sedimentada, onde o poder foi arduamente criado para ser estático. Trabalha-se dentro de um contexto “que as coisas foram feitas assim e deverão continuar sendo assim”. É uma estrutura de controle, onde o comando está com os professores – o ensino - e a execução – a aprendizagem (está mais para a memorização) - cabe aos níveis mais baixos – os alunos -, que apenas cumprem tarefas, sem maiores autonomias.

O curioso é que na área mercadológica, à medida que a internet foi se disseminando, as empresas entenderam que precisavam mudar e



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

sair de uma estrutura de poder engessada e criaram alternativas como equipes virtuais, iniciativas de trabalho em casa, horário flexível e uso mais intenso de conhecimento externo, como consultores, para acelerarem processos. Enquanto a universidade nada fez para acompanhar esse novo cenário, os seus alunos. A não ser escrever muito sobre o tema. Ou seja, na era digital as empresas tem novas exigências na classificação dos funcionários, em contrapartida, o sistema educacional pouco prepara os estudantes para a nova exigência da sociedade. Bianchetti (2001) nos conta que...

[...] Tendo como pano de fundo as novas tecnologias, os empresários são unânimes em relação à valorização da educação básica, mas, paralelamente, há unanimidade quanto ao deslocamento entre escola e empresa no tocante à formação profissional dos trabalhadores. É como se os empresários tivessem passado de uma atitude passiva de quem espera por aquilo que o sistema escolar podia oferecer, para uma atitude proativa de quem afirma: “Nós queremos dizer o que nós queremos. Então queremos que o sistema escolar responda ao que nós queremos”. (BIANCHETTI, 2001, p. 204).

Para preencher a lacuna que a universidade deixa na formação de todos os profissionais é comum nas empresas disponibilizarem cursos profissionalizantes de tecnologias para que os funcionários consigam dominar, manusear as ferramentas tecnológicas, para exercerem suas funções e contribuírem para o desenvolvimento da empresa, em contrapartida a formação acadêmica insiste em formar cidadãos para o mercado de trabalho dentre as eras dos séculos XV, XVII e XVIII.

O jovem ao sair da universidade e buscar emprego na sua área de formação percebe, ou tem ideia da dimensão do distanciamento entre a academia e a sociedade porque comumente ele se encontra despreparado para o cargo. Mas como ser preparado se a instituição insiste em formar profissionais numa fôrma analógica contrariando a era digital, formando meras repetidores de informações, com práticas educativas que não correspondem com a era do contexto social?

Assim sendo, por que não olhar a instituição escolar exatamente como ela é: um ser vivo em constante evolução e adaptação, aprendendo e agindo de forma diferente a cada contexto? Um ser vivo tem suas células funcionando de forma independente, sem controle central. O fígado reage por sua conta, sem esperar pelas suas ordens. Pensar em uma universidade auto-gerenciável é uma quebra de paradigmas, mas não há alternativa para sobreviver em um mundo que muda a cada instante. Isto significa criar times/turmas auto-gerenciáveis, que tomam suas próprias decisões, e não somente formar portadores de diplomas, que tem sido a única mola motivadora

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

para que os alunos frequentem a universidade. Uma vez que...

[...] os diplomas já não bastam para diferenciar e hierarquizar os indivíduos que os detêm. Certamente, a escola permanece o lugar onde se constroem os saberes e o saber-fazer com referência a **corpus de conhecimentos relativamente estáveis**, construídos pelas disciplinas, e ela conserva o monopólio da distribuição dos diplomas, garantia de um certo domínio desses saberes e saber-fazer. Porém, para conservar seu valor social, os diplomas não constituem um título de valor imutável; **seus detentores devem mostrar que possuem efetivamente as capacidades para mobilizar seus conhecimentos em determinadas situações. A empresa surge, então, como um lugar privilegiado para validar essas propriedades denominadas competências, propriedades específicas valorizadas em uma atividade, mais eminentemente instáveis e provisórias**, já que ligadas a contextos singulares. (ROPÉ e TANGUY, 1997, p. 205. *apud* BIANCHETTI, 2001, p. 204). (Grifo nosso)

Fica evidente para os professores universitários que, para formar a geração contemporânea, é necessário ir muito além do ritual tradicional hierárquico de transmitir informações, porém, para tanto se faz necessário mudar os paradigmas hierárquicos e rever alguns conceitos professados como verdadeiros. Pois nesta era digital não cabe mais a figura do professor PHDeus, pois a informação está, literalmente, ao alcance de todos, na verdade, o mundo cabe na palma das mãos dos sujeitos contemporâneos.

A estrutura da universidade requer liderança, mas o que temos hoje são muitos “treinadores e repetidores de informações” e um professor com papel diferente dos que vemos nos professores tradicionais, é o que o contexto digital clama, na verdade, EXIGE!!!. Outro ponto que indiscutivelmente deve acabar nas instituições escolares do século XXI é a manutenção e o empoderamento do conhecimento apenas por parte do professor.

Na prática, não cabe mais o *status* de dono do saber, afinal, estamos em uma sociedade líquida, o que era tido como certo, como verdadeiro, pode não o ser mais, os pré-conceitos são desmistificados a todo momento. E o poder não é de uma pessoa, mas de todos os agentes que compõem as instituições escolares, em todos os níveis. O professor universitário precisa ser muito mais um orientador, um mediador, um negociador do conhecimento do que um *expert* do saber. Mas a universidade está na contramão do que defendia Freire (1996):

Saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua construção. Quando entro em sala de aula devo estar aberto a indagações, à curiosidade, às perguntas dos alunos, a suas inibições, um ser crítico e inquiridor, inquieto em face da tarefa que tendo-a ele ensinar e não a de transferir conhecimento (FREIRE, 1996, p. 27)

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br



Freire percebeu que não adiantava transferir informações e achar que isso era ensinar, há duas décadas. O avanço tecnológico durante esses vinte anos foram imensos em muitas áreas como a telefonia, a medicina, a biologia, etc. Mas os professores continuam a ser formados do mesmo jeito que Freire recomendava ser diferente. Recorremos a Bruner (2001), que nos diz...

Necessitamos de equipar os professores com a preparação de base indispensável a uma efectiva participação na reforma [...] se a acção e a estima são centrais na construção de um conceito do Si mesmo, então as práticas escolares habituais precisam ser examinadas focando a contribuição que elas podem dar a estes dois ingredientes fulcrais da personalidade (BRUNER, 2001, p. 59- 64).

O nó a ser desatado é: como transformar a estrutura educacional de ontem, na estrutura de hoje? Como fazer essa passagem? Acreditamos que o professor deve liderar esta transformação. Agora este professor tem outro papel que o atualmente exercido. Um modelo de professor, cujas ações devem ser bem diferentes das de aprovar ou reprovar alunos, através das correções de provas, podendo sua criatividade e controlando-os, planejando estratégias de dificultar as avaliações ou não permitir a cola em suas avaliações.

A agenda de hoje clama pelo professor crítico-reflexivo mesmo, não apenas aquele que escreve sobre o tema, mas aquele que se auto-avalia, que é reflexivo nos discursos e artigos científicos que publica. Aquele que promove o diálogo, desperta a curiosidade, é o motivo para que seus alunos acordem todos os dias e sintam prazer, necessidade mesmo, de ir ao ambiente acadêmico e que nele se sinta bem, pertencentes ao espaço acadêmico.

Sabe-se que a mudança não ocorrerá por decreto ou medida provisória. Ela vai acontecer aos poucos, mas precisa acontecer. Muitas barreiras serão encontradas, como por exemplo, das gestões da Universidade, desde as intermediárias, que deixam muito a desejar, até a Reitoria. Porque, para os professores, esses cargos são preenchidos por pessoas que "*não estão nem aí para o crescimento da universidade*", embora sejam também professores de carreira da instituição, quando sentam na cadeira do poder, se dobram à hierarquia do poder maior, e realmente não colaboram para que a pátria educadora deixe de ser um *slogan* e se torne política pública, de verdade. O que de fato ocorre é que nunca essas mínimas mudanças são bem aceitas, principalmente por quem viveu a vida inteira em outro paradigma.

5. A TECNOLOGIA DO SELFIE



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

No ambiente acadêmico, há de se considerar todas as subjetividades dos adultos que pertencem e se estendem à linhagem das tecnologias do *selfie* identificadas por Foucault (1988) e muito atuais em tempos de mídias móveis. A auto-exposição dos jovens contemporâneos nos ambientes virtuais, as chamadas redes sociais, viralizou geral.

Essas auto-exposições revelam a era digital em que estamos. Contudo, muitos professores universitários desconsideram esta era digital dentro do espaço acadêmico e fazem de conta que, durante as suas aulas, seus alunos não acessam as redes sociais, não trocam mensagens instantâneas. Em resposta a esse “faz de conta que não vejo”, os alunos fazem de conta que apreendem (retêm as informações com significados), mas o que os alunos fazem na verdade é reproduzir, reescrever as informações retiradas dos livros, das apostilas, ou ditas pelos professores em sala de aula.

Ao professor resta corrigir provas, fazer avaliações, dando-lhes novas nomenclaturas (seminários, rodas de conversas), ou seja, tudo do mesmo: o professor passa as informações e as solicita em um momento pré-determinado, cujas respostas devem ser, literalmente, as consideradas corretas por ele. E a autonomia do pensamento, da reflexão do aluno? Onde fica? Fica nos outros espaços sociais, virtuais ou reais, como a esquina, o espetinho, a pista do skate. Porque a autonomia do *selfie* não cabe nos espaços escolares. Nem mesmo em tempos de mídias móveis. Para Martin (1988), a cultura do *selfie*

Permite que os indivíduos efetuem, por seus próprios meios ou com a ajuda de outros, um certo número de operações em seus corpos e almas, pensamentos, conduta e modo de ser, de maneira a se transformarem para alcançarem um certo estado de felicidade, pureza, sabedoria, perfeição ou imortalidade. (MARTIN et al., 1988, p. 18)

Para um outro estudioso do tema, McLaren (1995), a reinvenção do *selfie* está ligada à recriação do social, que implica uma visão compartilhada (ainda que contingente ou provisória) da comunidade democrática e um envolvimento com a linguagem da mudança social, da prática emancipatória e da política transformadora, de cada um e de todos, porque o outro só existe quando eu reconheço a mim mesmo.

Morin (2009) defende que a internet de hoje dá a possibilidade de múltiplas informações e comentários, possibilitando ao leitor tornar-se autor e vice-versa, ou seja, a linearidade é alternada, os pontos de vistas dos sujeitos podem e são expostos sobre quaisquer temas.

Na contramão do espaço tão democrático dos espaços virtuais estão os conteúdos programáticos. Esses, impostos aos alunos, que



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

são vistos pelos professores como simples artefatos sociais e por isso não lançam um olhar mais lúdico, tampouco são utilizados em favor da descoberta de potencialidades de novas formas de ver e analisar o mundo, ou com a possibilidade de (re)construção da sociedade, que está em constante movimento, em constante mudança.

Embora haja muita resistência por parte da maioria dos professores universitários, os alunos vem introduzindo as redes sociais para ao menos diminuir as distâncias físicas entre eles e os professores, já que a distância cognitiva é intransponível. Assim, nos dias atuais, o *facebook*, que poderia ser bem mais utilizado na mediação da construção do conhecimento pelo aluno de forma autônoma, é introduzido no processo de ensino-aprendizado pelos alunos que criam grupos na rede e inserem os professores nesses grupos. Contudo, a distância linguística e o lugar hegemônico do professor são bem marcados na rede social.

Um exemplo que trazemos para este estudo é o uso do *Google Maps*, que poderia potencializar o ensino da Geografia, promovendo uma alfabetização espaço-geográfica através da exibição de rotas reais, ao invés dos mapas físicos, muitas vezes ultrapassados e nada inspiradores para os jovens contemporâneos, cuja compreensão imagética lhes é mais familiar.

Romper as barreiras físicas e incluir todos os sujeitos em um só ambiente. Este é o grande feito das tecnologias digitais móveis. O *smartphone* é o objeto de desejo e de sobrevivência hoje para todos nós. No Brasil há mais números de celulares cadastrados do que o número de habitantes, logo, cada brasileiro possui mais de uma linha de celular. E este número tenderia a subir não fossem os aplicativos de mensagens instantâneas que enviam e recebem mensagens de todas as operadoras.

O aplicativo *WhatsApp*, o mais usado por nós, brasileiros, realmente rompe as distâncias. A socialização entre alunos e professores acontece, ainda que no formato descrito acima. Mas a necessidade do aluno de esclarecer algum ponto que não ficou claro na sala de aula é atendida quase que imediatamente.

Assim como possibilita compartilhar materiais e ideias. Mas essa tecnologia ainda é pouco explorada por muitos professores, que insistem em deixar apostilas e capítulos de livros, ao invés de oportunizar aos alunos buscarem em sites acadêmicos sobre o tema/conteúdo e autores distintos dos indicados por eles. Para Bruner (2001)

A ciência computacional faz algumas interessantes exigências gerais acerca da atitude educativa, embora continue por definir que lições específicas deve ela ensinar ao educador[...]dificilmente se pode duvidar, por exemplo, que os computadores põem à disposição do aluno auxílios

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

poderosos, quando se trata de dominar módulos de conhecimento, sobretudo se o conhecimento em questão está bem definido (BRUNER, 2001, p.18).

Claro está que os sites, os aplicativos utilizados pelos jovens, apontam para uma nova organização social de conhecimento, que acontece de forma individualizada, já que vivemos a cultura do *selfie*, mas acontece em grupos também. E essas buscas nos dão pistas de que os jovens contemporâneos encontraram novas formas de pensar, de agir e de ser. Isto porque a mente desses jovens é digital. Enquanto os professores continuam com a mente analógica. Bianchetti (2001) nos esclarece a diferença entre a mente digital e a mente analógica:

A migração de uma mente analógica para uma mente digital, num raciocínio que poderia ser classificado como frio, calculista, esta migração significa uma mudança radical, passando exigir novas habilidades e competência dos sujeitos (BIANCHETTI, 2001, p.102).

A mente analógica caracteriza-se por operações rígidas, em resposta a determinadas situações, seguindo etapas de início ao fim, de forma linear, sem mudança de ângulo ou outras perspectivas. Na mente digital a observação é mais ampla. Há a necessidade de interpretar a situação que se apresenta e as diversas possibilidades de resoluções para um mesmo problema. A mente digital opera sob um forte esquema intelectual, percebe tudo o que acontece simultaneamente, sem precisar de um repouso para analisar, decide, resolve situações em movimento.

Bianchetti (2001) traz em seu livro *“Da chave de fenda ao lap top”* uma alegoria do descompasso entre a escola e o mundo do trabalho, a sociedade:

A escola falha quando não se apercebe que nos dias atuais à “única constante é a mudança” e continua ensinando com base em técnicas e conteúdos cristalizados. Em outras palavras, a tradição, a continuidade não se apresentam mais como pressupostos para o processo ensino-aprendizagem como ocorria em épocas passadas. Isso significa que cabe à escola básica e ao ensino médio formar nos operadores aquilo que um engenheiro definiu como um “caldo de cultura prévia”: conhecimentos básicos, capacidade de comunicar-se bem, aprender a trabalhar em equipe, conhecimento de

informática [...] (BIANCHETTI, 2001, p. 210).

ALGUNS SINTOMAS DESTES ESTUDO

A intenção deste estudo foi mostrar ao professor, de todos os níveis de escolaridade, mas, com foco no professor universitário, que a

(05) 5522.5222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

hierarquia na sala de aula precisa ser revista, uma vez que ele não é o único detentor das informações e que o conhecimento só o é, de fato, quando os alunos conseguem mobilizar as informações que ele acredita (só ele, professor) ter acesso. Ou seja, o professor precisa dar, de fato, vez e voz ao aluno, porque ele tem o mundo e um leque infinito de informações em suas mãos, através do *smartphone*, o elemento protético do século, assim como o estojo escolar o fora por tantas décadas. Trouxemos teóricos como Bianchetti, Bruner, Morin e Martin que percebem a mente dos jovens contemporâneos como digital, enquanto a mente dos professores continua analógica. A diferença entre esses dois modelos de mentes impacta no modo de ser, agir e pensar. A mente digital demanda grande esforço intelectual, que não é reconhecido pelo professor. Enquanto a mente analógica demanda percorrer um único caminho para se chegar a uma resolução. A mente digital visualiza diversas possibilidades para a resolução de um problema.

O professor resiste ao uso das tecnologias móveis, quer seja por falta de habilidades com essas, quer seja por medo de perder seu lugar pra essas. Contudo, esquecem que as tecnologias móveis por si só não causam mudanças, mas quem as usa e como as usa é que muda, no caso da universidade, passa de reprodutor do conhecimento para autor de seus conhecimentos. Isso incomoda muita gente, a começar pelos professores que não cogitam manter uma relação horizontalizada com seus alunos.

REFERÊNCIAS

BIANCHETTI, L. **Da chave de fenda ao laptop**. Petrópolis/Florianópolis: Vozes/EDUFSC. 2001, 254p. Disponível em: <<http://www.estantevirtual.com.br/brlucidio-bianchetti/da-chave-de-fenda-ao-laptop/1229042584>>. Acesso em 17.mar.2016.

BRUNER, J. **Cultura da educação**. Lisboa: Casagraf Artes Gráficas, 2001.

FOUCAULT, M. **Technologies of the self**. In MARTIN, L., GUTMAN, H., HUTTON, P. (Eds), *Technologies of the Self: A Seminar with Foucault*. Amherst: University of Massachusetts Press, 1988. p.16-49.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LAKATOS E. M. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 7.ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MARCONI, M. A., LAKATOS E. M. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 7.ed. São Paulo: Atlas, 2010.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

MARTIN, L., GUTMAN, H., HUTTON, P. (Eds), **Technologies of the self**: A Seminar with Foucault. Amherst: University of Massachusetts Press, 1988.

MCLAREN, P. **Critical Pedagogy and Predatory Culture**: Oppositional Politics in a Postmodern Era. London: Routledge, 1995.

MORIN, E. **Tecnologia Entrevista à TV Brasil**, 23.jun.2009.

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br